Revista Espaço Acadêmico - Nº 112 - Setembro de 2010
Mensal - ANO X - ISSN 1519-6186

Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos

Marizeth Barros* **& Ana Cristina Batista-dos-Santos** **

Resumo

Partindo do conceito de autoeficácia como a crença que o indivíduo tem sobre sua capacidade de realizar com sucesso determinada atividade, o texto discute o construto da autoeficácia, desenvolvido por Albert Bandura, psicólogo canadense, face à pertinência do mesmo para entendimento das escolhas e desempenho profissional individual, e sua relação com a eficácia organizacional. Faz uma breve apresentação sobre a autoeficácia, destacando sua inscrição teórica, suas principais fontes e fazendo uma oportuna diferenciação deste com conceitos correlatos. Assim, elucida conceitos, contribuindo no avanço das discussões existentes. Para tal fim, aborda: (i) a teoria social cognitiva; (ii) a autoeficácia e suas fontes; e (iii) conceitos conexos como autoconceito, auto-estima, *lócus* de controle, expectativa de resultado e resiliência.

Palavras-chave: Autoeficácia. Teoria Social Cognitiva. Fontes de autoeficácia.

Inside self-efficacy: a study on its theoretical foundations, their sources and related concepts

Abstract

Assuming self-efficacy concept as the individual's belief in his own capacity to successfully perform a certain activity, the text discusses the construct of self-efficacy, developed by Canadian psychologist Albert Bandura, given the relevance of even understanding of individual choices and professional performance, and its relationship to organizational effectiveness. Made a brief presentation about the self-efficacy, highlighting its theoretical enrollment, its main sources and making a timely differentiation with related concepts. Thus clarifies concepts, contributing to the advancement of existing discussions. To this end, covers: (i) social cognitive theory; (ii) self-efficacy and their sources; and (iii) related concepts like self-concept, self-esteem, locus of control, expected results and resilience.

Keywords: Self-efficacy. Social Cognitive Theory. Sources of self-efficacy.

* **MARIZETH BARROS** é mestranda em Administração

** **ANA CRISTINA BATISTA-DOS-SANTOS** é doutoranda em Administração.

Albert Bandura

Introdução

O construto da autoeficácia, desenvolvido por Albert Bandura, psicólogo canadense, desde 1977 tem contribuído com os estudos sobre o comportamento humano nas organizações. A autoeficácia é tida como a crença que o indivíduo tem sobre sua capacidade de realizar com sucesso determinada atividade. Dessa forma, sua crença pode afetar suas escolhas e o desempenho profissional.

Internacionalmente, é grande o interesse pelo tema, sendo encontradas inúmeras publicações em língua estrangeira, nas mais diversas áreas do conhecimento. Em contraste, são poucas as pesquisas brasileiras. Isso mostra a relevância de novos estudos para uma maior compreensão da autoeficácia no contexto das organizações.

Assim, o texto objetiva discutir o conceito da autoeficácia, destacando sua inscrição teórica, suas principais fontes e fazendo uma oportuna diferenciação deste com conceitos correlatos. Pretende, portanto, clarear conceitos, contribuindo com as discussões existentes. Para tal fim, aborda sucintamente: (i) a teoria social cognitiva; (ii) a autoeficácia e suas fontes; e (iii) conceitos conexos como autoconceito, auto-estima, *lócus* de controle, expectativa de resultado e resiliência.

A teoria social cognitiva e a autoeficácia

O tema da autoeficácia remete ao estudo da Teoria Social Cognitiva (TSC) da qual a Teoria da Autoeficácia se constitui elemento central (AZZI; POLYDORO, 2006). Na concepção de Bandura, a autoeficácia é tida como um dos mecanismos-chave para a composição da agência humana. De acordo com Azzi e Polydoro (2006), embora possa ser investigada de forma independente, a Teoria da Autoeficácia está contida na Teoria Social Cognitiva a qual lhe dá suporte e sentido. Isto faz com que intervenções baseadas apenas na discussão da Teoria da Autoeficácia tenham menor consistência, caso não sejam pautadas pelo olhar teórico-explicativo da Teoria Social Cognitiva.

A TSC explica o comportamento humano mediante um modelo de reciprocidade triádica. Nesse modelo, a conduta, os fatores pessoais internos (eventos cognitivos, afetivos e biológicos) e o ambiente externo atuam entre si como determinantes interativos e recíprocos. Dessa forma, o indivíduo cria, modifica e destrói o seu entorno. O indivíduo se torna agente e receptor de situações que se produzem, e ao mesmo tempo essas situações determinarão seus pensamentos, emoções e comportamento futuro (BANDURA, 1989; MARTÍNEZ; SALANOVA, 2006).

Para Bandura (2008), o princípio básico que fundamenta a TSC é a perspectiva da agência, a qual se contrapõe aos princípios behavioristas que baseavam os processos de aprendizagem na associação entre os estímulos ambientais e as respostas individuais:

> Ser agente significa influenciar o próprio funcionamento e as circunstâncias de vida de modo intencional. Segundo essa visão, as pessoas são auto-organizadas, proativas, autorreguladas e autorreflexivas, contribuindo para as circunstâncias de suas vidas, não sendo apenas produtos dessas condições. (BANDURA, 2008, p.15).

A agência humana possui, de acordo com Bandura (2004), quatro características fundamentais: intencionalidade, antecipação, autorreatividade e autorreflexão. A intencionalidade significa que as pessoas podem escolher o modo de agir, elaborando planos e estratégias de ação para realizá-los. Pela antecipação, as pessoas antecipam resultados esperados de ações prospectivas, guiando e motivando seus esforços. Com a autorreatividade os agentes monitoram o próprio comportamento e regulam suas ações pela influência autorreativa, fazendo coisas que lhes dão satisfação e sentido de autovalor, e evitam ações que lhes tragam insatisfação e autocensura. Já pela autorreflexão os agentes são auto-examinadores do seu próprio funcionamento. Eles refletem sobre sua eficácia, suas motivações e valores e fazem as correções necessárias.

A autoeficácia é tida como a percepção do indivíduo a respeito de suas capacidades no exercício de determinada atividade. Bandura (1994, p.71) a entende como "as crenças das pessoas a respeito de suas capacidades de produzir determinados níveis de desempenho que exercem influência sobre fatos que afetam suas vidas". Essas crenças determinam como as pessoas se sentem, pensam, se motivam e se comportam.

Já Costa (2003, p.42) afirma que a percepção de autoeficácia se refere às crenças que se tem sobre a própria "capacidade de organizar e executar ações exigidas para manejar uma ampla gama de situações desafiadoras, inclusive aquelas prospectivas, de maneira eficaz, ou seja, conseguindo alcançar os objetivos específicos propostos". Ainda segundo a autora, além de gerar capacidades ou competências, a percepção de autoeficácia também tem outras influências sobre o comportamento humano, tais como padrões de reações emocionais e de pensamentos, os resultados esperados, o comportamento antecipatório e as restrições ao próprio desempenho.

Martínez e Salanova (2006) salientam que as crenças de eficácia se constroem baseadas nos juízos sobre as capacidades possuídas. Com as mesmas capacidades, pessoas com diferentes crenças podem obter êxitos ou fracassos em função dessas diferenças de crenças. Assim, a autoeficácia é vista como crenças pessoais; o indivíduo apresenta níveis de autoeficácia elevados ou reduzidos, de acordo com os próprios julgamentos em relação às suas capacidades. Para a elaboração desses julgamentos acerca da própria capacidade, o indivíduo poderá levar em conta diversos fatores, que contribuirão para o aumento ou diminuição de suas crenças. Essas crenças podem estar relacionadas a domínios específicos, podendo haver percepção de elevada autoeficácia em determinado domínio e baixa autoeficácia em outros (AZZI; POLYDORO, 2006).

Desse modo, a partir da TSC, a autoeficácia pode ser vista, de um lado, na perspectiva agêntica, na qual se observa a subjetividade do indivíduo, considerado sujeito de sua história e não apenas produto do meio. De outro modo, a reciprocidade existente entre

indivíduo, ambiente e comportamento, permite ao indivíduo influenciar e ser influenciado em seu comportamento. Além disso, nota-se a especificidade do contexto, no qual existe o julgamento de competência.

Fontes de autoeficácia

As crenças de eficácia podem ser desenvolvidas a partir de quatro principais fontes de informação: experiência direta, experiência vicária, persuasão social, e estados físicos e emocionais. Considerada a mais eficaz no desenvolvimento de forte senso de eficácia, a experiência direta diz respeito às experiências vividas pelo indivíduo. Os sucessos obtidos contribuem para a construção de uma forte crença na eficácia pessoal. Por outro lado, as falhas podem comprometê-la, especialmente se estas ocorrerem antes que um sentimento de eficácia esteja firmemente estabelecido (BANDURA, 1994).

A segunda fonte são as experiências vicárias, fornecidas por modelos sociais. De acordo com Bandura (1994), ver pessoas parecidas a si mesmo, sendo bem-sucedidos por esforços mantidos, aumenta as crenças dos observadores de que eles possuem as capacidades e habilidades para dominar atividades comparáveis de forma bem-sucedida. Na experiência vicária, o impacto da modelagem na percepção de autoeficácia é influenciado pela semelhança percebida em relação aos modelos. Se as pessoas vêem os modelos como muito diferentes de si mesmos, sua autoeficácia percebida não é muito influenciada pelo comportamento dos modelos e pelos resultados que ele produz. Segundo Costa (2008), ao observar as ações dos outros, o indivíduo estabelece uma comparação entre as características do modelo e as suas. Dessa forma, o observador fica atento para as consequências positivas ou negativas daquelas ações, podendo vir a adotar aquelas condutas como referência para si, caso se identifique com o modelo.

A persuasão social é tida como a terceira forma de reforçar as crenças das pessoas em suas capacidades. Pessoas que são persuadidas verbalmente no sentido de que elas possuem as capacidades para realizar determinadas atividades são suscetíveis a mobilizar um maior esforço e mantê-lo, do que aquelas que mantêm autodúvidas e fixam-se nas deficiências pessoais quando surgem problemas. Além de levar as pessoas a tentarem com maior rigor para serem bem sucedidas, elas promovem o desenvolvimento de habilidades e um senso de eficácia pessoal (BANDURA, 1994). Pajares e Olaz (2008) entendem que os persuasores desempenham um papel importante no desenvolvimento das crenças de eficácia. Para eles, as persuasões positivas podem encorajar e empoderar, enquanto que as persuasões negativas podem enfraquecer as crenças de eficácia.

A quarta fonte geradora de autoeficácia são os estados emocionais e somáticos. As pessoas dependem, em parte, destes estados no julgamento de suas capacidades. Poy et al (2004) acreditam que as pessoas baseiam parte de seus julgamentos sobre as próprias capacidades nos estados emocionais. Para Bandura (1994), as pessoas consideram suas reações de estresse e tensão como sinais de vulnerabilidade ao mau desempenho. Em atividades que envolvem força e resistência, as pessoas julgam sua fadiga, dores e sofrimentos como sinais de debilidade física. Contudo, o autor salienta que não é o grau de intensidade das reações físicas e emocionais que é importante, mas como

elas são interpretadas. As pessoas que têm um alto senso de eficácia podem ver seus estados de excitação como facilitador energizante do desempenho, enquanto que outras, com autodúvidas, consideram sua excitação como um debilitador.

Como foi visto a experiência direta, a experiência vicária, as persuasões sociais (ou verbais) e os estados físicos e emocionais são considerados elementos fundamentais na transmissão de informações que fortalecem ou enfraquecem as crenças dos indivíduos a respeito das próprias capacidades. Todas essas informações proporcionadas pelas fontes de eficácia passam por um processamento cognitivo, no qual os indivíduos selecionam, avaliam, integram e interpretam tais informações.

Diferenças conceituais

Vários autores destacam a importância em estabelecer diferenças e relações entre autoeficácia e conceitos correlatos, que a princípio podem ser entendidos como sinônimos. Ao compará-los, observa-se que, muitas vezes, os mesmos se assemelham e isto demonstra que estes se relacionam de forma significativa. Contudo, apesar da proximidade eles não têm o mesmo significado. Examina-se aqui os construtos: autoconceito, auto-estima, *lócus* de controle, expectativa de resultado e resiliência, buscando estabelecer diferenças e relações com a autoeficácia.

Para Carneiro, Martinelli e Sisto (2003), a formação do autoconceito pode ser vista como o resultado da interação do indivíduo com o meio, sendo este um processo lento, que se desenvolve nas experiências pessoais a partir da infância. A reação das pessoas aprovando ou desaprovando o comportamento da criança influencia as características do autoconceito que a mesma desenvolverá. E ainda, o autoconceito atua como regulador dos estados afetivos e motivacional do comportamento.

Pajares e Olaz (2008, p. 112) indicam que "as crenças de autoeficácia são julgamentos cognitivos de competência, referenciados por objetivos, relativamente específicos ao contexto e orientados para o futuro"; e, diferentemente, "as crenças relacionadas com o autoconceito são percepções pessoais principalmente afetivas, bastante normativas, geralmente agregadas, hierarquicamente estruturadas e orientadas para o passado". Martínez e Salanova (2006) entendem o autoconceito como uma visão que o indivíduo tem de si, formada através da experiência e do *feedback* recebido de pessoas consideradas importantes. Assim, crenças de eficácia são mais complexas que o autoconceito, já que variam de acordo com diferentes níveis e circunstâncias distintas. As crenças de autoeficácia são avaliadas por meio de perguntas do tipo "posso", enquanto que o autoconceito é avaliado por meio de perguntas do tipo "sou" e "sinto".

Em relação à auto-estima, Mosquera e Stobäus (2006, p. 85) relatam que "a auto-estima é o conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si mesma, uma percepção avaliativa sobre si própria, uma maneira de ser, segundo a qual a própria pessoa tem idéias sobre si mesma, que podem ser positivas ou negativas". Ou seja, pode-se considerar a auto-estima uma avaliação que se faz de si mesmo, na qual existe um sentimento de aceitação ou negação a respeito de seu modo de ser, de suas qualidades e defeitos. A auto-estima pode ser vista como o valor que se tem

de si mesmo, dependendo da valorização cultural a respeito das capacidades que uma pessoa possui. "Enquanto as crenças de eficácia são juízos sobre a própria capacidade, a auto-estima pode não estar relacionada com a capacidade da pessoa" (MARTÍNEZ; SALANOVA, 2006, p. 181). Dado o foco da autoeficácia na capacidade, entende-se que a auto-estima e a autoeficácia estejam relacionadas, mas não significam a mesma coisa uma vez que a auto-estima está mais relacionada a sentimentos de aceitação.

Bandura (2008) relata a exigência de eliminar concepções equivocadas dos construtos, referindo-se a autoeficácia, auto-estima e *lócus* de controle. Segundo o autor, "a autoeficácia, como julgamento da capacidade pessoal, não significa auto-estima, que é um julgamento do amor-próprio e nem *lócus* de controle, que é a crença se os resultados são causados pelo comportamento ou por forças externas" (BANDURA, 2008, p. 32).

O "*lócus de controle*", construto proposto por Rotter (1966), pode ser entendido como as crenças sobre as quais as pessoas estabelecem a fonte controladora do próprio comportamento e de outros eventos. Essas fontes seriam a sorte, outros poderosos, ou o próprio indivíduo (MENESES; ABBAD, 2002). De acordo com Rodriguez-Rosero, Ferriani e Dela Coleta (2002), o "*lócus de controle*" é entendido como a percepção das pessoas sobre quem ou o que detém o controle sobre sua vida. Quando o indivíduo percebe os eventos de sua vida como controlados por si mesmo, se teria o *lócus* interno, mas, se os percebe como controlados por outros fatores, haveria o *lócus* externo.

> Um indivíduo com *locus* de controle interno acredita controlar os próprios comportamentos, percebendo uma relação clara entre tais comportamentos, desempenhos específicos e suas conseqüências observadas em ambiente de trabalho. Já um indivíduo com *locus* de controle externo acredita que os resultados de seu trabalho estão além de seu controle pessoal e, assim, atribui a causa destes à sorte ou à ação de outros. (MENESES; ABBAD, 2002, p. 5)

Martínez e Salanova (2006) entendem a contingência estabelecida entre a conduta e o resultado como uma distinção existente entre autoeficácia e "*lócus de controle*" que pode tornar clara a relação existente entre os dois conceitos. Desse modo, a autoeficácia determina em grande medida o *lócus* de controle interno, ou seja, se uma pessoa se sente eficaz e acredita possuir as habilidades necessárias, estabelecerá relações entre suas ações e os resultados. E de outro modo, o "*lócus de controle"* determina a autoeficácia: diante de uma tarefa, as pessoas com *lócus* de controle interno que crêem estarem desprovidas das habilidades necessárias desenvolvem um limitado sentido de autoeficácia e enfrentam a situação com um sentido de inutilidade.

Navarro e Quijano (2003), ao desenvolverem seus estudos sobre motivação no trabalho, consideram a autoeficácia como um processo cognitivo prévio à expectativa de resultados. Enquanto esta última se refere à avaliação das pessoas a respeito da conexão entre sua conduta e a obtenção de certos resultados, a autoeficácia é a convicção de que saberá desempenhar com êxito para conseguir ditos resultados.

Da mesma forma, Martínez e Salanova (2006) enfatizam a distinção existente entre "expectativa de eficácia" e "expectativa de resultado". Para elas, a

expectativa de eficácia é a convicção ou probabilidade subjetiva de que o indivíduo pode realizar com êxito a conduta necessária. Já a expectativa de resultado, segundo as autoras, é a avaliação de que uma conduta determinada conduzirá a certos resultados.

Apesar das diversas possibilidades de aplicação do conceito de resiliência, neste estudo, ele é tido como a capacidade do indivíduo em resistir às dificuldades encontradas em sua vida, perseverando e enfrentando tais dificuldades de forma positiva. Ou seja, assim como na física o material resiliente volta ao seu estado anterior após uma tensão, o indivíduo resiliente pode ser visto como aquela pessoa capaz de se recuperar e retomar sua vida após enfrentar problemas e sofrer adversidades. A resiliência é definida por Grotberg (2005, p. 15) como "a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade". Barreira e Nakamura (2006) consideram o pensamento e a ação como pontos chaves da resiliência, mostrando que existe uma complementação entre autoeficácia e resiliência. Enquanto a autoeficácia residiria na percepção, na decisão, a resiliência permitiria o recuo no sentido de alcançar um determinado objetivo de conduta.

Segundo Bandura (1977), as crenças de autoeficácia ajudam a determinar quanto esforço as pessoas vão dedicar a uma atividade, quanto tempo elas perseverarão ao se defrontarem com obstáculos e o quanto serão resilientes frente a situações adversas. Compreende-se, dessa maneira, que as crenças de eficácia poderão favorecer ou dificultar as condições de enfrentamento de obstáculos, bem como serão determinantes na resiliência do indivíduo.

Considerações finais

O texto sintetiza suas reflexões na forma de considerações finais. Quanto à relação direta da autoeficácia com a TSC, considera que se trata de um avanço teórico, uma vez que esta última se apresenta como uma perspectiva mais totalizante e esclarecedora das relações das pessoas no contexto social, quando comparada à perspectiva *behaviorista* de caráter instrumental que se estabelecera como ortodoxia dominante no campo do comportamento organizacional. Assim, constitui-se como uma abordagem teórica com melhor poder explicativo dos aspectos multifacetados da relação indivíduo-organização, e da eficácia esperada da mesma.

No que se refere às fontes de autoeficácia, entende-se que estudos *in loco,* que permitam identificar as fontes de autoeficácia predominantes em contextos organizacionais específicos, podem contribuir para uma maior compreensão dessas dinâmicas organizacionais, podendo igualmente possibilitar uma adequação das políticas de gestão de pessoas às peculiaridades de um dado grupo de trabalhadores.

Quanto aos conceitos correlatos, conclui-se que a autoeficácia não pode ser confundida com autoconceito, pois este se refere à visão que a pessoa tem de si mesma. Também não pode ser vista como auto-estima, pois esta se refere ao sentimento de aceitação de si. A autoeficácia não significa o mesmo que *lócus* de controle, o qual pode ser visto como a percepção do indivíduo sobre a fonte controladora de seu comportamento. É diferente também de expectativa de resultado esta vista como a avaliação de que certa conduta trará

determinado resultado. E ainda, não pode ser vista como resiliência, pois esta significa a capacidade do indivíduo em resistir e enfrentar adversidades. Entretanto, como conceitos próximos que são, estes devem ser sempre considerados em situações de pesquisa, pois podem estar eventualmente contribuindo com a formação das crenças de eficácia das pessoas.

Referências

AZZI, R.G,; POLYDORO, S. Autoeficácia proposta por Albert Bandura. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (Org.). **Autoeficácia em diferentes contextos**. Campinas: Alínea, 2006. p. 9-23.

BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, Washington, v. 84, n.2, p. 191-215, 1977.

BANDURA, A. **Social cognitive theory**. Greenwich, CT: JAI Press, 1989. p. 1-85. Disponível em: <http://www.des.emory.edu/mfp/Bandura1989ACD.pdf> Acesso em: 07 ago. 2007.

BANDURA, A. Self-Efficacy. In: RAMACHAUDRAN, V.S. **Encyclopedia of human behavior.** New York: Academic Press. v. 4, p. 71-81, 1994. Reprinted In: Friedman, H. (Ed.). **Encyclopedia of mental healt**. San Diego: Academic Press, 1998. p. 15-41.

BANDURA, A. The growing primacy of perceived efficacy in human self-development, adaptation and change. In: SALANOVA, M. et al. (Ed.). **Nuevos horizontes en la investigación sobre la autoeficacia**. Castelló de la Plana:Publicacions de la Universitat Jaume I, D.L., 2004. p. 33-51.(Collecció Psique, n.8). Disponível em: <http://www.des.emory.edu/mfp/NuevosHorizontes>. Acesso em: 28 set. 2007.

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S.A.J. (Org.). **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Colaboradores: Anna Edith Bellico da Costa, Fabián Olaz, Fabio Iglesias, Frank Pajares. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-41.

BARREIRA, Diná Dornelles; NAKAMURA, Antonieta Pepe. Resiliência e a auto-eficácia percebida: articulação entre conceitos. **Aletheia,** Canoas, n. 23, p.75-80, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2009.

CARNEIRO, G.R.S.; MARTINELLI, S.C.; SISTO, F.F. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. **Psicologia:** Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 427-434, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300002& lng=en &nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2008.

COSTA, A.E.B. Auto-eficácia e Burnout. **Interação Psy**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 34-67, 2003. Disponível em: http://www.dpi.uem.br/Interacao/Numero%201/PDF/ Artigos/ Artigo4.pdf>. Acesso em: 05 out. 2006.

COSTA, A.E.B. In: BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S. (Org.). **Teoria social cognitiva:** conceitos básicos. Colaboradores: Anna Edith Bellico da Costa, Fabián Olaz, Fabio Iglesias, Frank Pajares. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 123-148.

GROTBERG, E.H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E.N.S. e colaboradores. **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.

MARTÍNEZ, I.M.; SALANOVA, M. Autoeficacia en el trabajo: el poder de creer que tú puedes. **Estudios financieros**, [s.l.], n. 45, 2006. Disponível em: <http://bscw.uji.es/pub/bscw.cgi/d319596/Martinez,%20I.%20y%20Salanova,%20M.%20(2006).%20Autoeficacia%20en%20el%20trabajo:%20el%20poder%20de%20creer%20que%20t%C3%BA%20puedes%E2%80%A6%20Estudios%20Financieros,%20279,%20175-202>. Acesso em: 18 abr. 2009.

MENESES, Pedro Paulo Murce; ABBAD, Gardênia. Impacto do treinamento no trabalho: preditores individuais e situacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: EnANPAD, 2002. 1 CD ROM.

MOSQUERA, J.J.M.; STOBÄUS, C.D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v.7, n.1, p.83-88, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script =sci_art text&pid=S1645-00862006000100006&lng=pt>. Acesso em: 14 jul. 2008.

NAVARRO, José; QUIJANO, Santiago D. de. Dinamica no lineal en la motivacion en el trabajo. **Psicothema**, Barcelona, v. 15, n. 4, p. 643-649, 2003. Disponível em: <http://www.psico thema.com/pdf/1118.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2007.

PAJARES, F.; OLAZ, F. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S. (Org.). **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Colaboradores: Anna Edith Bellico da Costa, Fabián Olaz, Fabio Iglesias, Frank Pajares. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 97-114.

POY, Rosario et al. Emoción, autoeficácia y cognición. In: SALANOVA, Marisa et al. (Ed.). **Nuevos horizontes in la investigación sobre la autoeficácia**. Castelló de la Plana: Publicacions de La Universitat Jaume I, D. L., 2004. p. 81-88. (Collecció Psique, n. 8). Disponível em: <http://www.des.emory.edu/mfp/NuevosHorizontes>. Acesso em: 28 set. 2007.

RODRIGUEZ-ROSERO, J.E.; FERRIANI, M.G.C.; DELA COLETA, M.F. Escala de lócus de controle da saúde - MHLC: estudos de validação. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.10, n. 2, p. 179-184, mar./abr. 2002.